

IRMANDADE HISTÓRICA: O MITO EM *JOSÉ E SEUS IRMÃOS*

Luana Signorelli Faria da Costa¹⁴⁸

Resumo: Analisa-se a tetralogia *José e seus irmãos* (2000) de Thomas Mann, baseada em Gn:27-50, investigando a presença do mito. O romance representa uma história de poder e reflete a condição da Alemanha de sua época: a transição da República de Weimar (1918-1933) para o nazismo. O objetivo principal será considerar a sua base mítica. Primeiramente, utiliza-se *Thomas Mann* (1994) e LaCocque (2001) como fortuna crítica sobre o autor. Dos principais mitos que se pretende estudar, há José como Tammuz, deus egípcio despedaçado e depois ressuscitado; os irmãos como Lamech, personagem do Gênesis, descendente direto de Caim, o qual incorpora todo o mal; e outros mitos como Tikun Olan (conceito judaico); Thot (deus egípcio das letras), e Etura (termo egípcio para inferno). Além disso, será essencial o emprego do texto “Freud e o futuro”, do próprio Thomas Mann, no qual o autor conceitua o mito. Como bibliografia secundária, pesquisam-se: *A arte da narrativa bíblica* (2007), de Robert Alter; *Linguagem e mito* (2013), de Ernst Cassirer; *Thomas Mann e a tragédia da arte moderna* (1965), de György Lukács, entre outros. A tese consiste em verificar o mito em *José e seus irmãos* (2000) e como ele se insere no tempo em que foi concebido, isto é, durante um período entre guerras, o início do nazismo, a República de Weimar e a Grande Depressão americana.

Palavras-chave: Mito. História. Gênero. José. Mann.

Abstract: It is analysed the tetralogy *Joseph and his brothers* (2000) by Thomas Mann, based on Gn:27- 50, investigating the presence of the myth. The romance represents a story of power and reflects the condition of the Germany of the time: the transition of Weimar Republic (1918-1933) to Nazism. The main goal will consider its mythical base. Firstly, it is used *Thomas Mann* (1994) by Anatol Rosenfeld and LaCocque (2001) as critical fortune about the author. Of the main myths that it is pretended to study, there is Joseph as Tammuz, Egyptian god, ripped apart and resurrected; the brothers as Lamech, character of Genesis, direct downward of Cain, which incorporates all evil; and other myths, such as Tikun Olan (Jew concept); Thot (Egyptian god of letters); and Etura (Egyptian term for hell). Besides that, it will be essential the employment of the text “Freud and the future”, by Thomas Mann himself, in which the author conceptualizes the myth. As secondary bibliography, it will be researched: *The art of biblical narrative* (2007), by Robert Alter; *Language and myth* (2013), by Ernst Cassirer; *Thomas Mann and the tragedy of modern art* (1965), by György Lukács, among others. This work’s thesis consists in verifying the myth in *Joseph and this brothers* (2000) and how it is inserted in the time of its conception, i. e., through a period between wars, the begin of Nazism, the Weimar Republic and the American Great Depression.

Keywords: Myth. History. Genre. Joseph. Mann.

¹⁴⁸ Doutoranda em Teoria e História Literária, UNICAMP, lua.signorelli@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Thomas Mann é conhecido principalmente por obras como *A morte em Veneza* (1912), *A montanha mágica* (1924) e *Doutor Fausto* (1947). Menos conhecida é sua tetralogia bíblica *José e seus irmãos* (1933-1943), em tradução para o português brasileiro por Agenor Soares de Moura, cujo tema representa uma história de poder e reflete a condição da Alemanha de sua época, isto é, a transição da República de Weimar (1918-1933) para o nazismo. Nas palavras do próprio autor, em prefácio escrito para a tradução estadunidense de 1948, este é o seu maior empreendimento épico.

Na narrativa bíblica (Gen. 27-50), José possui 11 irmãos, sendo que 1 vem da mesma mãe, a privilegiada e amada Raquel, e os outros 10 são meios-irmãos, nascidos da mãe rejeitada, Lia, ou então das escravas Bala e Zelfa. Essa mesma relação filial permitiu a José e a seu irmão Benjamin um grande privilégio em relação aos outros irmãos, a José mais do que a todos eles juntos. O pai Jacó intencionalmente privilegiava José, cujos ensinamentos “por motivos que ainda vão ser mencionados, só serviam para apartar cada vez mais José dos filhos de Lia e dos das escravas. Isto o colocava sozinho e em si mesmo trazia as sementes da presunção e da desconfiança” (MANN, 2000, p. 392). Desse modo, José possui um lugar de destaque na configuração familiar, e pôde ter uma educação diferenciada da dos irmãos. Por isso, é odiado por eles, jogado no poço, vendido como escravo. A história tem um final feliz: José é capaz de salvar a Israel e a todos, chegando a vice-governador do Egito. Nessa história cheia de altos e baixos, “existe ironia em forma de montanha-russa no destino de José” (LACOCQUE, 2001, p. 399).

O objetivo deste artigo consiste em analisar o mito em *José e seus irmãos* (a edição aqui utilizada é a da Nova Fronteira, de 2000 – todas as posteriores referências seguirão essa edição) e o uso que o autor faz dele para pensar a sua época, isto é, um período entre guerras, o início do nazismo, a República de Weimar e a Grande Depressão americana; em suma, um tempo de incertezas e abolição de valores. O objetivo principal será construir uma ponte que leva da abordagem dos mitos observados no romance à reflexão acerca do contexto histórico. Como diz Karl Kerény, importante referência para a composição da tetralogia, “a mitologia precisa transcender o indivíduo (...), como algo objetivo, como algo que mana, por assim dizer, de uma fonte superindividual (...)” (KERÉNYI, 2000, p. 15). Assim, pode-se concluir que a apropriação dos mitos por parte de Thomas Mann não constitui meramente criação subjetiva, mas sim, matéria objetiva e concreta do seu tempo. Em última instância, mergulha-se no poço do passado para se

conhecer o tempo presente, atravessando mitos autoexplicativos, ou, como é posto em *Doutor Fausto* (2015a), “rendendo culto aos elementos primordiais”.

THOMAS MANN, BÍBLIA E O MITO

Em seu texto crítico “Freud e o futuro”, Thomas Mann afirma o seguinte: “o mito é a legitimação da vida; só por meio dele e nele encontra-se a autoconsciência, sua justificação e consagração” (MANN, 2015b, p. 75). Já na tetralogia *José e seus irmãos*, Thomas Mann se apropria do mito bíblico, e nossa finalidade aqui é levantar este paralelo bíblico, justificá-lo e chegar à sua historicidade.

A escritura sagrada da Bíblia mergulha no mistério, na tentativa de explicar as origens do mundo. Ao fazê-lo, recorre inevitavelmente a invenções, no sentido literário e ficcional. Dessa forma, o oculto permite certa relação criativa com a linguagem, sendo este um exemplo de “criações que brotam da excitabilidade da fantasia mítico-religiosa” (CASSIRER, 2013, p. 81). É assim que, segundo Cassirer, evidencia-se um forte laço entre mito e linguagem. Os mitos são engendrados por meio de narrativas, e a mitologia depende da linguagem para ser transmitida pela oralidade. Esta relação mítica com a linguagem, no romance de Thomas Mann, manifesta grandes implicações sobre o tempo, sobre as origens do mundo atual (da época de Thomas Mann), “o ‘outrora’ em seu duplo nexo de ‘como tudo era’ e ‘como tudo será’, segundo sua formulação no romance *José e seus irmãos*” (ROSENFELD, 1994, p. 33).

Anatol Rosenfeld considera a questão do duplo em *José e seus irmãos*, ao afirmar que na criação da tetralogia há o entrelaçamento possível entre psicologia, música e mito. O momento em que se verifica a presença da música na tetralogia é o subcapítulo “No fosso”, no qual há o monólogo interior de José no poço, ou a sua conversa direta com Deus. José conversa consigo mesmo em vários tons, há uma confluência de vozes baixas, medianas e altas. É todo um corpo musical, ou também uma orquestração narrativa. E ainda:

Vemos, portanto, como o próprio autor só aos poucos descobre as implicações do magro tema inicial nascido de um incidente biográfico. Ao correr de uma longa vida de uma profunda especulação alimentada por muitos afluentes espirituais, Thomas Mann descobre que o seu tema pessoal, a experiência pungente da sua juventude, a sua isolamento, a sua marginalidade e alienação, é um processo que se repete através da história e se perde na sombra do

mito. Esse mito é desenvolvido na tetralogia do bíblico José. Cada vez de novo o indivíduo se rebela, se isola, sobe a *Montanha Mágica* dos sonhos e da pedagogia hermética e cada vez de novo tem de voltar, amadurecido, à sociedade, quer como provedor oficial de pão no Egito, quer como artista que resolve, como Thomas Mann resolveu, descer da sua torre de marfim para agitar os problemas do dia e dirigir-se ao seu povo através de apelos, publicações em jornais e discursos no rádio. Em José, comenta o autor [Thomas Mann], “desemboca o ‘Eu’, renunciando ao atrevimento de se considerar absoluto, novamente no coletivo e na comunidade”. O indivíduo, já disse Hegel, é *todgeweiht*, é condenado à morte. Assim, Thomas Mann descobre que a sua obra e a sua vida **nada são senão imitação mítica de um velho tema**. E dessa imitação mítica cada vez mais consciente de um velho tema decorrem os característicos fortemente paródicos das suas últimas obras, a tendência ainda decidida de abalar, pela ironia e pelo humor, os valores consagrados. **Pois também Deus se modifica**, disse ele certa vez com ligeira ironia. E religiosidade é observar as modificações divinas para adaptar a realidade aos novos mandamentos. Para tal é necessário abalar valores consagrados (ROSENFELD, 1994, p. 27-28, grifos nossos).

É assim que Thomas Mann cria o seu José, à sua imagem e semelhança, um duplo: duplo de origem, entre o comerciante e senador tipicamente alemão, racionalista, protestante, e a mãe brasileira, católica, romântica, de onde aprendeu a fé inquebrantável no amor, na fraternidade invencível, mensagem última de sua obra. Também por conta disso, a obra de Thomas Mann é de difícil enquadramento, tanto literário quanto político. Adorno admite a desconfiança do escritor diante dos engajamentos: “tudo que ele dizia soava como se carregasse consigo um secreto sentido escondido que ele deixasse, com certo diabolismo, para os outros adivinharem, indo muito além do hábito da ironia” (ADORNO, 1991, p. 12). Em face a radicalismos e extremismos, a relação de Thomas Mann com a Alemanha de seu tempo era *alérgica*, isto é, de desconforto. Era período de crise, no sentido grego da palavra: separação. Aliás, para Robert Alter (2007), a palavra “dividir” é a essência da criação do mundo, sendo ela é a que mais aparece quantitativamente no episódio da Criação do Gênesis. É assim que José é criado, dividido, separado, discriminado de seus irmãos.

JOSÉ COMO TAMMUZ

O principal mito, observado mais evidentemente na tetralogia, é a associação de José com Tammuz. Muitos estudiosos dão suporte a esta teoria. Para ficar em poucos exemplos, Eckhard Heftrich menciona “o trabalho bipartido (Egito-Osíris; Babilônia-

Tammuz)” (HEFTRICH, 2005, p. 458), que não é científico ou também apenas processamento ensaístico do material mitológico-religioso; esta relação implica algo maior na construção da tetralogia: a própria paródia. Por outro lado, em seu texto “Thomas Mann: Apolo, Hermes, Dioniso” Anatol Rosenfeld diz que José é o mais brilhante impostor, e “desempenha, conscientemente, o papel divino de Adônis- Dioniso- Osíris, imitando o esquema mítico do deus despedaçado que, ressurreto, se ergue da tumba” (ROSENFELD, 2013, p. 203-204). Outra referência em que se apoia Thomas Mann é *Die Geheimnisse des Ostens* de Dmitri Mereschkowski (1924).¹⁴⁹ Nas palavras do próprio Thomas Mann em “Freud e o futuro” (2015b, p. 77), José é um celebrador da vida, que presentifica em sua pessoa, à maneira amável de uma trapaça religiosa, o mito de Tamuz-Osíris.¹⁵⁰

Existe, é claro, algo de um paralelo estrutural entre o Jesus do Evangelho e o José do Gênesis. José jogado em um poço/cova antes de uma elevação subsequente ao trono real é uma metáfora apropriada no querigma cristão primitivo [essência da mensagem cristã]. Na mesma linha, Alfred Jeremias (aparentemente influenciado por Thomas Mann) viu na cena de José na cova uma alusão a Tammuz indo à terra dos mortos. Há também em ambas as histórias aquilo que W. L. Humphreys chama de “ironia suprema” à medida que Deus transforma o mal em bem, criando assim uma tensão entre a intenção humana e a providência divina (LACOCQUE, 2001, p. 419).

O mito de Tammuz é babilônico, e corresponde ao de Adônis na Grécia, ao de Osíris no Egito e ao de Jesus na Bíblia, com maior ou menor grau de variação. “Ele é Tamuz, o pastor, que se chama Adônis, mas nos países do Sul se chama Osíris” (MANN, 2000, p. 435). Em seu duplo, Tammuz até poderia ser uma mulher, bem como a imagem de outra deusa relevante, Ishtar, muitas vezes era barbuda, andrógina. Em conversa entre José e seu irmão Benjamin, especula-se que “talvez fosse Tamuz uma donzela e só com a morte ficou sendo um jovem” (op. cit.), ao que Benjamin indaga sabiamente *se era virtude da morte alterar o corpo*. O romance alemão de Thomas Mann segue uma vertente da alta tradição filosófica, daí o porquê destes questionamentos. Segundo o mito original, Tammuz é despedaçado e espalhado pela terra. Adônis se transforma em Adonai, que significa “Senhor”, termo geral que pode ser empregado em várias mitologias de culturas diferentes. No Egito, a semente morre para nascer (ressurreição), e indica o tempo

¹⁴⁹ *Os mistérios do Oriente* (livre tradução).

¹⁵⁰ A grafia varia entre Tammuz e Tamuz, a depender da versão do mito.

sazonal da cheia ou da seca no Rio Nilo. Além de Tammuz, José é carinhosamente chamado pelo seu apelido, Dumuzi. A semelhança não é à toa, porque José nasceu no mês de Tammuz, no calendário egípcio, junho.

Nascido sob uma boa estrela, José foi preferido durante toda a sua vida, o que vai moldar a sua personalidade forte. “Israel amava José mais do que todos os outros filhos, porque ele era o filho de sua velhice” (Gênesis 37:2-5). Por ocupar um lugar de destaque na configuração familiar, José pôde ter uma educação diferenciada da dos irmãos. Enquanto estes lavravam a terra, José estudava e aprendia a ler e escrever com seu professor Eliézer, conforme narrado no subcapítulo “A lição” de *O jovem José*.

Eliézer achava que José seria Mazkir (arauto), ou historiador. Ele é letrado, porque Jacó via nisso alguma vantagem para o seu futuro. Entre vários assuntos, como ciência, numerologia e zodíaco, José aprende mitologia. Aqui é colocado um interessante dilema: “poder-se-á dar a isto [mitologia] o nome de ciência?” (MANN, 2000, p. 381). O fato é que José aprende tanto sobre mitologia, e especula tanto que se equipara a ela. No subcapítulo “O bosque de Adônis” de *O jovem José*, há toda uma descrição do ritual de Tammuz, cuja imagem é enterrada e chorada por mulheres, para depois ressurgir das cinzas. José evoca esta imagem do deus, porque ele próprio, bem como a imagem, usa o tempo todo uma coroa de mirto verde, planta mítica, símbolo de poder.

Mirto ou murta era consagrada a Afrodite. Na Grécia e no Antigo Testamento, ela adorna grinaldas de noivas e é símbolo da juventude e da beleza. Porém, ao mesmo tempo, esta planta pode ser associada à morte e renovação. “É ele o adorno de todo o sacrifício, separado para os separados e destinado aos predestinados. Juventude consagrada, eis o nome do holocausto” (op. cit., p. 423). Um holocausto, ou sacrifício, segue a lógica da substituição, e conseqüentemente, da repetição (*Wiederholung*) mítica.¹⁵¹ Além desta coroa, José usava o tempo todo a *ketonet passim*, túnica de várias cores que fizera o pai lhe dar de presente antecipadamente, como símbolo da sua preferência à sua

¹⁵¹ *Wiederholung*, junto com *Nachfolge*, isto é, sucessão, são termos muito utilizados por Thomas Mann. O sentido que eu quis conferir foi o de "revolução", de acordo com o seguinte: “A combinação da circularidade e da linearidade, aliás, engloba a imagem manneana de rotação da esfera, que pressupõe a influência recíproca dos acontecimentos ‘celestes’ e ‘terrestres’, ou, por outras palavras, combinações da história segundo os modelos míticos e do mito **como produto concentrado da experiência histórica**. Thomas Mann não vê no mito simplesmente uma essência eterna, mas também uma generalização *típica*” (MIELIETINSKI, 1987, p. 398, grifo nosso). O termo também pode ser compreendido como *Erneuerung*, isto é, 1. Renovação, reforma; 2. Restauração; 3. Restauração, reposição, substituição (MICHAELIS, 2009, p. 95).

primogenitura, e pela qual os irmãos vão odiá-lo especialmente. Na visão do mitólogo estadunidense, Joseph Campbell, “em *José e seus irmãos* o sentido de desempenhar papéis míticos tem por objetivo **suportar, engrandecer e sofisticar um modo de vida**” (CAMPBELL, 2010, p. 558, grifo nosso).

O José da tetralogia representa o novo. José é andrógino, pois é belo como mulher (subcapítulo “Thot”). Daí também a sua aproximação com deusas do sagrado feminino. Ademais, José antecipa a abolição, a inversão dos contrários, o novo mundo, porque ele não valoriza as tradições tanto quanto o seu pai e seus ancestrais, olhando para elas sempre criticamente, com desconfiança e desdém, o que motiva também a sua ironia de adolescente. José tem curiosidade, não vive em um mundo fechado. Ele gosta de especular, e a sua caracterização moral é de desafiador, contestador. É por isso que é possível afirmar que José representa sempre o *duplo*, porque ele é o momento de transição entre a antiga e a nova geração: “José deve portar dois nomes, exibir duas faces, ter duas agendas, ter duas mudas de roupas, comer em duas mesas, manter dois discursos, viver à margem de dois mundos” (LACOCQUE, 2001, p. 390). Ainda segundo LaCocque, por conta desse modo estimulante e propriamente artístico, a história de José pertence ao folclore.

Já para outro teórico, György Lukács, o José de Thomas Mann “é um crítico histórico e filosófico do seu tempo” (LUKÁCS, 1965, p. 210). José é calmo e confiante; apesar de invejado, os seus sonhos tornam-se realidade sem que ele faça nada para isso. José vive sonhando, e sonhador é a alcunha, a expressão de ódio dos irmãos, aplicada a ele, comparando-o a Noé Utanipichtim, ledor de pedras antediluviano, algo que o assemelha também ao herói sumério-acadiano Gilgámesh (2017). Isso porque, ao contrário dos irmãos, José era alfabetizado. Além disso, José é um intérprete de sonhos. *Nabi*, do hebraico, significa profeta, intérprete, e é o responsável por estabelecer o vínculo entre exterior e interior (BLOOM, 2012).

No caso do romance de Thomas Mann, talvez a ideia mais pungente seja a de que Tammuz pode significar naquele período a espera pela ressurreição, a fé na renovação, a esperança de que algo que estava morto e putrefato poderia ressurgir das cinzas, como fênix. Este tempo é o tempo de espera, um tempo quando até mesmo Deus pode sofrer, e ainda morrer, como alude Nietzsche, uma das grandes influências de Thomas Mann, quando diz que Deus está morto. “Deus atado, Deus padecendo, Deus na prisão” (MANN, 2000, p. 413). Se Deus também sofre, podemos nos reconhecer nele. Não somos só nós

que esperamos; Deus também espera por nós, até estarmos prontos. No tempo da espera e da prontidão, José é um sábio provedor. Nesse sentido, a vaidade de José é apenas um mito, uma máscara para disfarçar a sua real inteligência, como era a máscara do próprio autor Thomas Mann, seu criador. O gênio tem várias máscaras, diz Adorno (2003). No caso de Thomas Mann, José é só uma dessas máscaras.

IRMÃOS COMO LAMECH

Ao mesmo passo que José pode representar a revolução monoteísta, a fé ortodoxa num único, os seus irmãos podem remontar ao mundo do politeísmo, uma vez que eram 12 os deuses olímpicos. Isto prova como várias tendências aparentemente paradoxais podem coexistir no mesmo período. Mais do que isso, quando se trata dos irmãos, a mitologia é mais obscura, não se sabendo ao certo a sua equiparação. Porém, aqui se pretende demonstrar como os irmãos de forma geral representam a personificação do mal e da violência:

Descendência de Caim. Gn, 4:23-24. Lamec disse às suas mulheres: “Ada e Sela, ouvi a minha voz: mulheres de Lamec, escutai as minhas palavras: Por uma ferida matei um homem, e por uma contusão um menino. Se Caim será vingado sete vezes, Lamec o será setenta e sete” (BÍBLIA, Gênesis, p. 28).

Este poema bíblico é incorporado na íntegra em *O jovem José*, no episódio “Lamech e a sua contusão”, como que para ressaltar a violência, a brutalidade destes irmãos. A semelhança entre os nomes das mães Bala e Zelfa observa-se em Ada e Sela. Os irmãos agem e se movimentam como se fossem um só corpo e um só espírito. A voz de todos se torna uma voz anônima quando falada em voz alta. Os irmãos compõem um coro como se fosse uma tragédia grega. Nesta passagem, parece haver uma alusão à época em que o romance foi escrito, isto é, o germe do fascismo, do irracionalismo e da violência desenfreada: “na realidade, no mais íntimo da alma só desejavam dilacerar, rasgar, despedaçar” (MANN, 2000, p. 531). Os irmãos de José podem ser considerados descendentes diretos da tribo de Caim, possuidores da marca do crime. Os cainitas – descendentes de Caim – herdaram diretamente a vingança.

Este é um momento lírico dentro da prosa, em que há entrelaçamento de gêneros literários, um momento de comunidade, em que eles cantam estes versos juntos, apesar

do horror de seu conteúdo (matar um homem e contundir um menino). Assim, pode-se dizer que os irmãos formam essa coletividade, uma descendência maligna.

TIKUN OLAM, THOT E ETURA

Em *José e seus irmãos*, também encontramos outros mitos menos óbvios, menos aparentes, mas não por isso menos importantes. Existe o conceito de Olam, que significa mundo, e justamente por isso revoluções, repetições do passado, renovações da vida, retorno perpétuo (MANN, 2000, p. 385). Tikun Olam¹⁵² é um termo judaico o qual representa miticamente o presente eterno. Ele não chega a ser uma entidade, mas é um conceito que se contrapõe a Cheol, o inferno, o tempo parado. Tikun Olam significa literalmente reparação, reforma, restauração do mundo. Isso pode ser esclarecido pela análise de Scholem: “a extinção da nódoa, a restauração da harmonia – é o significado da palavra hebraica *Tikun*, que é o termo empregado pelos cabalistas, após o período do Zohar, para designar a tarefa do homem neste mundo” (SCHOLEM, 1972, p. 234).

Ainda sobre Tikun, este conceito pode simbolizar quando o homem ascende ao céu. O Tikun designa o processo e o movimento, e, portanto, pode retratar a ascensão, algo que está muito presente na tetralogia. Este é o caso do sonho de José, e também da sua própria ascensão real a vice-comandante egípcio.

Isto nos conduz a outro aspecto da doutrina do *Tikun*, que é também o mais importante para o sistema de teosofia prática. O processo pelo qual Deus concebe, produz e Se desenvolve a Si mesmo não chega à conclusão final em Deus. Certas partes do processo de restituição são outorgadas ao homem. Nem todas as luzes mantidas em cativeiro pelos poderes das trevas se libertam por seus próprios esforços; é o homem quem acrescenta o toque final ao semblante divino; é ele quem completa a entronização de Deus, o Rei e o Criador místico de todas as coisas, em Seu próprio Reino do Céu; é ele quem dá ao Criador de todas as coisas a Sua configuração final! **Em certas esferas do ser, a existência humana e divina se entrelaçam.** O processo intrínseco, extramundano do *Tikun*, **simbolicamente descrito como o nascimento da personalidade de Deus**, corresponde ao processo de história mundana. O processo histórico e sua alma mais secreta, o ato religioso do judeu, preparam o caminho para a restituição final de todas as luzes e centelhas espalhadas e exiladas. O judeu, que está em contato íntimo com a luz divina através da Torá, do cumprimento dos mandamentos e através da oração, tem o poder de acelerar ou retardar este processo. Cada

¹⁵² Há variações do termo de Tikun para Tikkun, podendo aparecer ambas as grafias.

ato da criatura humana está relacionado com esta tarefa final que Deus estabeleceu para Suas criaturas (SCHOLEM, 1972, p. 276-277, grifos nossos).

O Tikun está associado à história mundana, à história dos homens, com toda a sua errância e movimento, mas também os seus acertos. Este é um conceito central para a tetralogia. É quando Deus e homem se confundem e se revolucionam.

Agora outro mito será abordado. As histórias das origens não são as mesmas para cada cultura, povo ou religião. Isso prova que o tempo não passa da mesma maneira para todos os povos, alguns se desenvolvem enquanto outros permanecem atrasados. No caso de Tammuz, há um deus correspondente em cada cultura. Já os egípcios acreditavam particularmente que a origem da literatura era concebida pelo deus Thot, o escrivão, a própria linguagem como deus. O deus Thot – seus artifícios e influências – é descrito no diálogo platônico *Fedro* (1999), no qual o deus é caracterizado como ambíguo, duplo, trapaceador, algo que também é muito relevante dentro de *José e seus irmãos*. O contraste natural entre Tammuz, o deus Sol, e Thot, o deus lunar, é eliminado no divino. A lua é símbolo da sabedoria e letras, assim como Thot manifesta a aliança entre beleza e saber, culto embriagador do qual participava José e a sua dança no início de *As histórias de Jacó*.

Daqui advém a ideia de totemismo. O totemismo é uma prática ritual presente no Egito Antigo, o país dos mortos. O sentido mais forte é que o Egito era um país estagnado no tempo, que vive um tempo de espera e esperança e não de ação, e por isso era morto, como quando José reflete frente à monumentalidade temporal da esfinge parada, em *José no Egito*. E é assim que se verifica como este mito do tempo parado pode retornar em diferentes épocas, culturas e religiões. Assim como o mito das origens muda de cultura para cultura, assim mudam os principais conceitos. O que os hebreus chamavam de Cheol, isto é, inferno, os egípcios chamavam de Etura, com sete camadas subterrâneas: “era o aprisco ínfero, Etura, o reino dos mortos, no qual o filho se torna senhor, pastor, mártir, vítima, deus despedaçado” (MANN, 2000, p. 559). Eis o mito: a deusa Astaroth engravidou, mas foi transformada em árvore. Dela nasce Adonai. Porém, ele é muito ambicionado e roubado pela deusa do inferno. Há uma grande guerra, na qual Astaroth desce os sete níveis de Etura. “E interpôs-se entre as deusas Astaroth e Erechkigal, dispondo que Adônai passasse um terço do ano no reino inferior, um terço na terra e um

terço onde bem quisesse. E assim Ishtar reconduziu à terra o seu dileto” (MANN, 2000, p. 434). E assim são explicadas as alternâncias das estações do ano no Egito.

Há ainda o mito de Engidu/Enkidu, o homem da floresta, convertido à civilização pela rameira de Uruk: “[José] achava estupendo como a rameira polira aquele lobo da estepe, tornando-o sensível ao aperfeiçoamento próprio após seis dias e seis noites de amor” (op. cit., p. 388). José preferia ouvir a história da origem da civilização a qualquer outra, demonstrando sempre o seu evidente interesse pelo novo. Aqui também há uma alusão ao romance *O lobo da estepe* (2000), de Hermann Hesse. Tudo isto indica como Thomas Mann era filho de seu tempo, não sendo de forma alguma alheio às questões da sua época.

CONCLUSÃO

José tem uma visão de movimento da história, porque ele explica ao faraó que o seu sonho significa tanto tempos de vacas gordas quanto de vacas magras. A problemática do duplo tempo permeia a obra de Thomas Mann. Em *A montanha mágica*, há o mundo lá de cima (sanatório) e o cá de baixo (comum realidade burguesa); e, em *Doutor Fausto*, há o tempo de vida de Adrian Leverkühn (“pequeno mundo do estúdio”), e o tempo da narração do biógrafo Serenus Zeitblom, já no nazismo, “grande mundo”. Trata-se de uma pluritemporalidade: “Thomas Mann utiliza nele, com um refinamento artístico extraordinário, o momento do duplo tempo” (LUKÁCS, 1965, p. 218).

Logo, compreende-se na tetralogia o elemento do duplo, porque – como cenário – vislumbra-se não só o Oriente Médio Próximo como também a Alemanha nazista, na tentativa de fazer ressoar a Alemanha pré-fascista, que se preparava rápida e conscientemente para o fascismo. Assim, a sua consciência histórica julga o povo alemão, uma vez que a Alemanha adota as origens do cristianismo, mas quer exterminar o judaísmo em certo momento da história. Em última instância, uma história nacional pode conformar-se em se estagnar, pode achar confortável parar em determinado ponto da descida, e não querer mais pesquisar, investigar, porque a estagnação é cômoda. O nazismo trata-se de uma estagnação histórica, a escolha pelo caminho mais fácil: a paralisia, a recusa em assumir as suas fontes históricas.

Para um mundo não mais em progresso, mas em ruína e em decomposição, era tempo de mito, no qual um mito se desdobra em outro, tratando-se de um mito dentro de

um mito, ou de um mito circular. Naquele tempo (*in illo tempore*, famosa expressão bíblica, do hebraico *vayehi ba 'et hahi*) também é o nosso tempo, pois um mito pode voltar a se repetir, sendo para Thomas Mann muito cara a ideia de repetição (*Wiederholung*) ou sucessão (*Nachfolge*).

Portanto, lê-se a tetralogia como forma de rememorar os mitos e reatualizá-los, uma vez que Thomas Mann concebe a história como um tempo cíclico, e não linear, o que se reflete na própria linguagem elíptica, o que é uma maneira moderna de tratar o mito. “Deste modo, o mito recebe da linguagem, sempre de novo, vivificação e enriquecimento interior, tal como, reciprocamente, a linguagem os recebe do mito” (CASSIRER, 2013, p. 114). Cada palavra é um mundo por si só. E esta linda história inventada de José é *como se fosse* mito, mas também *como se fosse* real, já que o autor cria inteligentemente este narrador capaz de lançar ambiguidades. O mito se coloca em suspensão, e provoca a crítica num tempo em que isso é possível, um mundo no qual a religião não é só aceita como verdade. *José e seus irmãos* é uma grande crítica à Alemanha que se esqueceu das suas origens.

Por fim, o José de Thomas Mann representa o *hic et nunc*: aqui e agora. No segundo capítulo de *O romance histórico* (2011a), Lukács discorre sobre o acerto de contas. No caso de *José e seus irmãos*, trata-se do acerto de contas da Alemanha com o seu passado. A história de José é uma história de salvação, salvação política e salvação da família, pois a salvação também é dupla. Há a unidade do duplo tempo e duplo espaço. Havia uma época de xenofobia também no Egito: eles não se sentavam nem na mesma mesa para comer, cena destacada em *José, o provedor*. Apesar das intolerâncias, da ambição e da violência, a queda para depois levantar é a lição da novela, que, afinal, é uma comédia. Assim, pode-se lembrar a concepção de tragédia para Hegel, isto é: a história da humanidade é composta de tragédias, mas o seu resultado não é trágico (LUKÁCS, 2011b).

A novela de José é uma comédia. Tem um final feliz. (...) Com grande maestria, o autor da novela mostra nas aventuras de um indivíduo a evolução necessária desde o uso patriarcal da autoridade até o uso monárquico do poder. No primeiro caso, não há fundamento na promoção de um acima de todos os outros. Mas por ocasião das épocas de desgraça, o clã dirige suas esperanças em direção a outra estrutura social onde o poder está centralizado nas mãos de uma pessoa. Apenas assim “a vida é preservada”, apenas assim existem “remanescentes e sobreviventes”. A narrativa apresenta dois mundos postos em rota de colisão; o choque acontece na pessoa daquele que

é capaz de sair deste cenário anterior e desabrochar no próximo. Mas, então, surge um novo perigo: o mal¹⁵³ uso do poder (LACOCQUE, 2001, p. 412-413).

As várias repetições na história bíblica servem para conectar um episódio singular a um significado teológico maior. Dessa forma, a repetição é necessária para que se possa aprender com ela e ser provedor. Isto é, um mito não surge do nada, mas sim de uma necessidade histórica, e como meio de amparo para uma sociedade aparentemente condenada. Tudo isso é estabelecido na tetralogia de Thomas Mann com o intuito de tentar esclarecer o sentido que a humanidade está tomando, a fim de tentar evitar repetições e erros desnecessários e para que se possa aprender com a história. Thomas Mann diz de seu próprio José: “ele foi o meu refúgio, o meu conforto, o meu lar, o meu símbolo de firmeza, a garantia da minha perseverança na tempestuosa mudança das coisas” (MANN, 1948, p. V, livre tradução). É disso que fala esta obra, no seu “dinamismo de seu relacionamento e a reversibilidade de seus papéis” (LACOCQUE, 2001, p. 403). Assim, Thomas Mann se revela um autor historicamente consciente, irmão, pai e filho do seu tempo presente.

É difícil a tarefa de dizer quem é José. Isto é, que juízo de valor aplicar a José? Ele é bom ou mau? Salvador ou tirano? Pois bem, José é sobre aquilo que é imutável e atemporal, que é a essência do homem. *José e seus irmãos* é sobre uma força inquebrantável, que persiste ao longo dos tempos.

Bênção de Jacó. Gn, 49:22-24:

José é broto de uma árvore fértil,
broto de uma árvore fértil junto à nascente: seus ramos crescem
acima do muro.
Provocam-no, atiram contra ele, atacam-no os flecherios,
Mas seu arco permanece firme, seus braços e mãos
desembaraçados
Pelas mãos do Poderoso de Jacó (...) (BÍBLIA, Gênesis, p. 88).

Concluindo, o mito não tem só um rosto, tem vários, daí a sua importância, mas também o seu perigo, e é assim que um mesmo assunto – como a história de José – pode ser expressado de maneiras muito diferentes, a depender da forma. O mito para Thomas

¹⁵³ Apesar de o correto ser “mau”, em vez de “mal”, é esta a grafia utilizada na tradução de Raul Fiker. In: LACOCQUE, André. Uma narrativa ancestral: a história de José. In: LACOCQUE, André; RICOEUR, Paul. **Pensando biblicamente**. Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001 (cap. 13, p. 387-420).

Mann é um instrumento, um meio, e encontra solução crítica. *José e seus irmãos* não trata só das origens da história judaico-ocidental, mas sim do universalismo, como pressupõe a própria palavra grega *katoliké*, isto é universal. *Katá* é o movimento de cima para baixo, como uma bênção divina, e *xolós* é a união, a comunhão entre as partes. E é por isso que esta obra ainda tem relevância para o presente. Como diz a frase em latim de Horácio, *tua res agitur*: trata-se de coisa tua. Ou seja, trata-se de coisa nossa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. Para um retrato de Thomas Mann. In: ADORNO, T. W. **Notas de literatura**. 2. ed. Trad. Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991 (p. 7-15).

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Bíblia Sagrada AVE-MARIA. Edição de estudos. 6. ed. Trad. Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1959.

BLOOM, Harold. A Bíblia hebraica. In: BLOOM, Harold. **Abaixo as verdades sagradas**: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus**: mitologia criativa. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 2010 (v. 4).

CARPEAUX, Otto Maria. **História concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 4. ed. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HEFTRICH, Eckhard. *Joseph und seine Brüder*. In: KOOPMANN, Helmut (Org.). **Thomas Mann Handbuch**. Frankfurt: Fischer, 2005 (p. 447-474).

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000.

KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 9. ed. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2000.

LACOCQUE, André. Uma narrativa ancestral: a história de José. In: LACOCQUE, André; RICOEUR, Paul. **Pensando biblicamente**. Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001 (cap. 13, p. 387-420).

LUKÁCS, György. Thomas Mann e a tragédia da arte moderna. In: LUKÁCS, György. **Ensaios sobre literatura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965 (p. 178-235).

_____. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011a.

_____. **Arte e sociedade**: escritos estéticos (1932-1971). 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011b (Pensamento Crítico, 13).

MANN, Thomas. *Foreword*. In: MANN, Thomas. ***Joseph and his brothers: The Stories of Jacob, Young Joseph, Joseph in Egypt, Joseph the Provider***. Trad. Lowes Porter. Nova Iorque: Alfred A. Knopf Editor, 1948 (p. V-XIV).

_____. **José e seus irmãos**. Trad. Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 (Coleção Grandes Romances).

_____. **Doutor Fausto**. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a.

_____. Freud e o futuro. In: MANN, Thomas. **Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer**. Trad. Márcio Suzuki. Rio de Janeiro: Zahar, 2015b.

MICHAELLIS: dicionário escolar alemão: alemão-português, português-alemão. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

PLATÃO. Diálogos. **Ménon, Banquete, Fedro**. 21. ed. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

ROSENFELD, Anatol. **Thomas Mann**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. Thomas Mann: Apolo, Hermes, Dioniso. In: ROSENFELD, Anatol.

Texto/contexto I. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SCHOLEM, Gershom. **As grandes correntes da mística judaica**. Trad. Dora Ruhman, Fany Kon, Jeanete Meiches e Renato Mezan. São Paulo: Perspectiva, 1972.

UNNINNI, Sin-Leqi. **Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Rio de Janeiro: Autêntica, 2017.